

AÇÕES AMBIENTAIS EM EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS DA ROTA DE TURISMO RURAL PELOTAS COLONIAL

TATIANA PORTO DE SOUZA¹; GISELE SILVA PEREIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – tatiporto_pel@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gisele_pereira@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O turismo se tornou, ao longo dos anos, em um dos principais atores do comércio internacional e representa também, uma das principais fontes de renda para muitos países em desenvolvimento (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2015). De acordo com a 11ª edição da Pesquisa Anual da Conjuntura Econômica do Turismo (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2015), o setor de serviços, no qual está inserida a atividade turística, no Brasil, é o que mais emprega e, apesar da recessão da economia no ano de 2014, o turismo, ainda, obteve crescimento neste mesmo ano.

Cada vez mais pessoas usufruem de viagens, seja para descanso, lazer ou fuga de seu cotidiano, assim, “o turismo já não é mais uma prerrogativa de alguns cidadãos privilegiados; sua existência é aceita e constitui parte integrante do estilo de vida para um número crescente de pessoas em todo o mundo” (RUSCHMANN, 2006, p. 13), o que confirma o crescimento da atividade e o hábito de viajar.

No entanto, cada vez mais o turista viaja para usufruir de novas experiências e vivenciar novas culturas, não sendo mero expectador de suas viagens (IDESTUR, 2015). Por esse motivo, o turismo no espaço rural faz com que o visitante possa conhecer os costumes rurais e até mesmo praticá-los, sendo um segmento com grande potencial que, segundo o Instituto de Desenvolvimento do Turismo Rural - IDESTUR (2015), tem atingido um crescimento de 6% anualmente.

O turismo rural tem como elementos importantes, os recursos culturais do território rural e os princípios fundamentais que regem o segmento, sendo a valorização territorial, a preservação das raízes rurais, a autenticidade do produto, a harmonia e sustentabilidade ambiental e a identidade e o envolvimento da comunidade local (IDESTUR, 2015). Nesse sentido, segundo Tulik (2003, p. 32), turismo rural “consiste no aproveitamento turístico do conjunto de componentes existentes no espaço rural, incluindo aqueles basicamente rurais e culturais (principalmente o patrimônio histórico) e, também, elementos da natureza”.

No entanto, esse crescimento da demanda pode fazer com que se modifique, muitas vezes, a paisagem do local, devido aos impactos da atividade turística e a geração de resíduos sólidos deixados na localidade. Além disso, “tem-se constatado a falta de ‘cultura turística’ das pessoas que viajam, [...] acreditando não terem nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações” (RUSCHMANN, 2006, p. 10). Por isso, a adoção de ações ambientais por parte dos envolvidos na atividade turística é de suma importância para que não haja um comprometimento dos recursos naturais e fomente a conscientização ambiental aos turistas.

Com base nessa temática, questionou-se: de que forma o turismo contribui para a adoção de ações ambientais pelos empreendimentos turísticos da Rota de Turismo Rural Pelotas Colonial?

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral examinar a contribuição do turismo na realização de ações ambientais pelos empreendimentos turísticos da Rota de Turismo Rural denominada Pelotas Colonial. Ainda, em termos de objetivos específicos, pretende-se: 1) identificar as ações ambientais já desenvolvidas pelos empreendimentos turísticos pertencentes à Rota Pelotas Colonial; 2) verificar qual a motivação na implantação dessas ações já adotadas; 3) listar as vantagens e limitações na implantação de ações ambientais nos empreendimentos; e 4) investigar a pretensão de adoção de novas ações ambientais.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os responsáveis por dez empreendimentos, dos 14 em funcionamento atualmente, e pertencentes à Rota Pelotas Colonial. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, nos próprios estabelecimentos, exceto com o responsável do um estabelecimento, que optou por ser entrevistado em outro local no centro da cidade de Pelotas.

O instrumento de coleta de dados foi construído a partir de uma sequência de 25 questões baseadas, em sua grande maioria, nos Requisitos Ambientais para o Turismo Sustentável da ABNT (ABNT, 2006), referentes a Efluentes e Resíduos Sólidos, Eficiência Energética e Conservação e Gestão do Uso da Água. Foi elaborado, ainda, um roteiro de observação cujos os resultados foram discutidos ao longo da análise, confrontando as informações das entrevistas com o que foi observado. Também, foi entregue a cada entrevistado (bem como por ele assinado) um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com a explicação sobre a pesquisa, e os aspectos éticos e de sigilo quanto às informações prestadas e gravadas, e alguns trechos foram transcritos e utilizados na discussão dos resultados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nas entrevistas e observações realizadas nos empreendimentos, nas questões relacionadas a resíduos sólidos e efluentes, notou-se o descarte inadequado quanto aos resíduos orgânicos, despejados no solo, sem nenhum tratamento, como se fosse compostagem (transformação da matéria orgânica em adubo orgânico, realizada com os próprios microorganismos presentes nos resíduos, em condições adequadas de temperatura, aeração e umidade) . Nessa questão ficou evidenciado o desconhecimento a respeito desse procedimento. Também, foi constatado o desconhecimento a respeito da destinação de resíduos como pilhas, baterias e lâmpadas fluorescentes que, conforme o Plano Nacional de Resíduos Sólidos (2011), deve obedecer a responsabilidade compartilhada pelos resíduos entre geradores, poder público, fabricantes e importadores.

Ademais, o esgotamento sanitário em áreas rurais na região da Rota Pelotas Colonial ainda é precário, semelhante a situação presente no Brasil, no qual apenas 25% dos moradores de áreas rurais possuem saneamento adequado, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNRS, 2011, p. 46).

Por fim, notou-se a falta de práticas de educação ambiental, com relação à informação do turista em relação ao desperdício e, também ao convívio com o meio natural. Por outro lado, viu-se em alguns empreendimentos, o cuidado com a

poluição e degradação de seu entorno, como cachoeiras, trilhas e *campings*. Percebeu-se então, principalmente, a preocupação com o fator estético e original, percebendo a preferência do visitante por locais autênticos, como explicita Ruschmann (2006), onde a originalidade das atrações ambientais e o bem-estar que elas proporcionam ao visitante é determinante para avaliar a qualidade de uma destinação turística.

Já nas questões relacionadas à eficiência energética e gestão e conservação do uso de água, ao controle no consumo de energia e água verifica-se que os mesmos não são efetivos. O constrangimento e recursos naturais abundantes, são os principais empecilhos em informar os visitantes quanto ao comprometimento do empreendimento na economia desses recursos.

No entanto, o aspecto econômico é muito relevante nas questões ambientais pois, para os empreendedores que dizem informar os visitantes quanto a economia de água, o fazem, pois possuem fontes próprias, que devido ao excesso de consumo, pode diminuir a disponibilidade da água na fonte. Assim, informam para evitar a escassez para visitantes futuros. Por outro lado, a educação ambiental se mostra ferramenta fundamental, pois estimula a participação de todos os envolvidos, partilhando as responsabilidades do ambiente na população fazendo com que a comunidade se identifique com as ideias propostas (BRESSIANI; POLETO, 2013).

Além disso, a busca do turista por locais autênticos e esteticamente bem conservados e originais, incentiva a preservação dos recursos existentes por parte dos empreendedores, já que sem aqueles, o turismo não existiria. Por outro lado, Ruschmann (2006), contribui em seu trabalho, afirmando que apesar de o turista buscar locais autênticos e preservados, ainda existe um comportamento de forma alienada em relação ao meio ambiente que visitam, acreditando não serem responsáveis pela preservação ou agressão ao meio visitado. Complementando Ruschmann, Xavier (2002), registra que nos empreendimentos e operadoras turísticas voltadas ao turismo ecológico, falta pessoal especializado nas questões relacionadas a natureza, falta, ainda, orientações essenciais para o melhor relacionamento da sociedade em geral com os recursos naturais e culturais.

Por fim, apesar de o turismo ser relevante na implantação de ações ambientais, percebeu-se a falta de conhecimentos teóricos e normativos a respeito do meio ambiente. Na prática, as ações ambientais visam preferencialmente o bem-estar local, mas não menos importante o lucro imediato. Por outro lado reconhecem ser importantes a preservação para o futuro turístico, e denotam que a educação ambiental vem se desenvolvendo com a atividade turística.

4. CONCLUSÕES

Considera-se no trabalho, primeiramente, que apesar de os responsáveis pelos empreendimentos possuírem a intenção de realização de ações ambientais, há o desconhecimento dessas ações e como desenvolvê-las em seus empreendimentos e para com os visitantes. Esse fato se mostra pois, por muito tempo, o meio ambiente possuiu recursos abundantes, os quais a sociedade explorava, sem perceber que os recursos eram finitos, não havendo limites para o seu uso e impactos.

Outro ponto observado, é a falta de comprometimento na informação aos turistas quanto as ações ambientais já praticadas. Esse fato se dá, muitas vezes, pelo constrangimento de repreender o turista, já que este está pagando pelos serviços, pressupondo erroneamente, ter poder pelos recursos.

Apesar da consideração dada à educação para a preservação do meio ambiente, notou-se estar ainda em estado nascente. Para ela ser efetiva no turismo, deverão ser desenvolvidos programas não-formais, fazendo com que o “cidadão-turista tenha uma participação consciente na proteção do meio ambiente, não só nas férias, como no seu cotidiano (RUSCHMANN, 2006). Falta muito conhecimento, normas regulatórias e ações para a conscientização da sociedade, através do poder público.

Assim, somente por meio do engajamento dos atores envolvidos, empresas, setor público e sociedade em geral, poderá a educação ambiental fazer parte da rotina de todos, melhorando a qualidade de vida, do meio ambiente e das localidades turísticas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 15401**: Meios de hospedagem — Sistema de gestão da sustentabilidade — Requisitos. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Resíduos Sólidos** – Versão Preliminar para Consulta Pública. Brasília, 2011. Acessado em 20 fev. 2016. Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/253/_publicacao/253_publicacao02022012041757.pdf.

BRESSIANE, L.; POLETO, C. Os problemas gerados pelos resíduos sólidos. In: POLETO, Cristiano; BRESSIANE, Lucia. (Org) **Resíduos Sólidos**. Uberaba: Editora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2013. Cap., p. 7-16.

IDESTUR. **Turismo Rural Brasileiro**. Instituto de Desenvolvimento de Turismo Rural. Acessado em 03 ago. 2015. Disponível em http://www.idestur.org.br/navegacao.asp?id_menu=2&id_conteudo_exibir=65.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Pesquisa Anual de Conjuntura Econômica do Turismo**. FGV Projetos e Ministério do Turismo- 11.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2015. 98 p. ISSN: 2179-8362. Acessado em 23 jul. 2015. Disponível em http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/conjuntura_economica/downloads_conjuntura/Pesquisa_Anual_Conjuntura_Economica_do_Turismo_PACET_2015_Final.pdf.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. 13º ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

TULIK, O. **Turismo Rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

XAVIER, H. Educação Ambiental: caminho para a sustentabilidade ecológica no turismo. In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (Org). **Redescobrindo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. Cap., p. 71-92.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Why Tourism?** Acessado em 19 ago. 2015. Online. Disponível em <http://www2.unwto.org/content/why-tourism>.